

I Encontro Nacional de Mulheres Negras, Indígenas e Quilombolas da Agroecologia - GT Mulheres da ANA



CARTA POLÍTICA

Nós mulheres negras, indígenas e quilombolas da agroecologia, organizadas pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) e pela Rede de Agroecologia do Maranhão (RAMA), construímos o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, Indígenas e Quilombolas da Agroecologia, na cidade de São José do Ribamar, no estado do Maranhão, realizado entre os dias 8 a 10 de junho de 2022. Somos 109 mulheres: indígenas, quilombolas, de terreiro, agricultoras e técnicas agroecológicas, agroextrativistas, ribeirinhas, agricultoras urbanas e do movimento negro.

Nosso encontro é resultado de um processo de construção coletiva, iniciado durante o IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), na cidade de Belo Horizonte, em 2018, onde as mulheres negras, indígenas e quilombolas apresentaram a urgência de integrar à abordagem agroecológica as dimensões racial e étnica e a luta antirracista, reafirmando o feminismo e a luta antipatriarcal e anticapitalista. Como marco histórico, esse encontro acontece presencialmente após dois anos de distanciamento social causado pelo atual estado de pandemia (COVID 19).

O nosso encontro se iniciou na data em que foi lançado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) o segundo Inquérito sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, que revela o aprofundamento das desigualdades e da fome no país.



Esse espaço intercultural, feminista e antirracista, vem denunciar o aumento assustador da quantidade de pessoas que vivem em situação de fome e extrema miséria, que saltou de 19 milhões para 33,1 milhões de pessoas. O Brasil vem passando por processos sistemáticos de retrocessos e perdas de direitos, desde o golpe de 2016. Intensificados com a necropolítica do atual governo, tem resultado no desmonte de políticas públicas, carestia, epistemicídios dos saberes tradicionais, africanos e indígenas, perseguição às religiões de matriz africana e no genocídio das populações negras e dos povos indígenas.

Apenas 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno a alimentação. Nos lares chefiados por mulheres, a fome passou de 11,2% para 19,3%. Quando os responsáveis são pessoas de cor preta ou parda há um crescimento de 10,4% para 18,1%. A fome atinge 18,6% dos lares das agricultoras e agricultores familiares, de forma expressiva nas regiões norte e nordeste. No Brasil, está se acentuando a feminização e racialização da pobreza, como expressão do racismo estrutural e ambiental, do modelo do agronegócio, mineração e mercantilização da natureza e da vida. A violência contra nossos corpos e territórios é um reflexo profundo desta estrutura de morte!

Para enfrentar este contexto e mobilizar as mulheres nos seus territórios, foram realizadas 16 oficinas preparatórias em todo Brasil. O encontro trouxe análises e construção de estratégias de lutas locais, regionais e nacional, construídas desde os territórios e a partir da vida das mulheres, sobre: Cultura, espiritualidade e ancestralidade; Comida, soberania e segurança alimentar e nutricional/Cultura alimentar; Produção, reprodução da vida e prática de cuidados; Práticas tradicionais de agriculturas, sementes e sociobiodiversidade; Território, demarcação e conflitos; Saúde, plantas medicinais e práticas de cuidados; Violência (racial, territorial, ambiental, institucional, doméstica e religiosa).



As discussões trazidas por nós mulheres negras, indígenas e quilombolas da agroecologia destacam o elo entre a agroecologia e a espiritualidade. Reconhecem que práticas ancestrais femininas de matriz indígena e africana, mantém e protegem a agrosociobiodiversidade, com resistência, afeto, cuidado e cura para os nossos Corpos-Territórios. Essas práticas com justiça social e ambiental tornam-se necessárias para afirmar os princípios do bem viver, a partir do reconhecimento de que somos sementes e ancestralidade e que nossos passos vêm de longe!

Somos as antepassadas do futuro!

Nós mulheres negras, indígenas e quilombolas da agroecologia reunidas no I Encontro Nacional, convocamos toda a sociedade à luta contra a feminilização e racialização da pobreza, o combate à fome, à insegurança alimentar e nutricional, pelo fim do feminicídio, da mortalidade infantil e pela penalização dos crimes raciais e sexuais no campo e na cidade.

Exigimos a reparação histórica da escravização com a retomada e demarcação dos nossos territórios de direitos, as políticas de cotas, a valorização das ancestralidades e pelo fim da violência doméstica e de Estado. Dizemos não ao marco temporal e exigimos o reconhecimento de nossos direitos sagrados e soberanos à terra e território.

Dizemos não ao desgoverno neofascista e autoritário de Jair Bolsonaro, que favorece as elites, o agronegócio, o garimpo e as multinacionais de mineração, que histórica e sistematicamente destroem nossos biomas e territórios e nos violentam e matam. Tudo em nome do lucro e da acumulação de poucos.



Defendemos a retomada de um projeto democrático e popular de sociedade e o fortalecimento das candidaturas de Mulheres Negras, Indígenas e Quilombolas para a construção de um Congresso Nacional representativo das classes populares. Exigimos participar das associações, sindicatos, partidos políticos, ONGs, Redes, Movimentos Sociais. Somos sujeitos políticos e lutamos cotidianamente pelo reconhecimento de outras formas e regras de fazer e viver a política.

Chamamos para a construção de uma agroecologia antirracista, feminista e anticapitalista, sustentada pelos princípios da ancestralidade e o sagrado, na luta pelo equilíbrio ecológico, justiça socioambiental, que fortaleça nossa espiritualidade e a relação com a mãe natureza e a defesa da vida.

SE TEM RACISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA! SEM FEMINISMO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA!



ASSINAM ESSA CARTA:

1. AARJ
2. ABA - ASS. BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA
3. ACQUIMI
4. ACTIONAID
5. AMICE
6. ANA – AMAZÔNIA
7. APOINME
8. ARTICULAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA
9. ART. DE MULHERES NEGRAS DO MA
10. COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS
11. ASA
12. ASAPAP
13. ASPTA
14. ASS. KAAPAN
15. ASSEMA
16. AVESOL
17. CAATINGA
18. CASA DE CARIDADE VÓ CMBINDA DA FRONTEIRA DA ÁFRICA
19. CEM
20. CIMI
21. CMN – CASA DA MULHER DO NORDESTE
22. COLETIVO PRODUTIVO DE MULHERES GUERREIRAS DE POSSE DE MIRANDIBA



23. COLETIVO DE HORTAS ORGÂNICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR
24. COMUNIDADE QUILOMBOLA DO LIVRAMENTO
25. CONAQ
26. CTA-ZM
27. CPT MA
28. ECOARARIPE
29. FASE
30. FETAEMA
31. FÓRUM DE MULHERES BRASILEIRAS
32. GEM
33. GEDMMA
34. GT DE MULHERES DA ANA
35. KAPÓI
36. MIQCB
37. MMM
38. MMNEPA
39. MMTR- NE
40. MNU
41. MST
42. MTQC
43. MTST – PE
44. MULHERES DA SAÚDE MENTAL ANTI-MANICONIAL NACIONAL



45. MULHERES NEGRAS EXTRATIVISTAS DE COMUNIDADE TRADICIONAL/ RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES AC.
46. NÚCLEO JUREMA – UFRPE
47. NUPEF
48. PACS
49. PMY – XAPURI
50. POLO SINDICAL DA BORBOREMA
51. POVO ATIKUM JUREMA – PE
52. POVO FUNI – Ô – ÁGUAS BELAS – PE.
53. POVO SHANENAWA
54. POVO XUCURU DO ORORUBÁ
55. PT MULHERES DE VIÇOSA
56. QUILOMBO DO BARROSO
57. QUILOMBO DO FEIJÃO E POSSE – MIRANDIBA – PE
58. RAMA
59. RAPPa
60. RAU
61. REDE BRAGANTINA
62. REDE DE MULHERES NEGRAS DO MARANHÃO
63. REDE FEMINISMO E AGROECOLOGIA DO NORDESTE
64. RMERA
65. REDSAN
66. RETOMADA PURI



- 67. SASOP
- 68. SITIO AGHATA
- 69. SITIO AKORÉ
- 70. STTR – SANTARÉM – AMTR
- 71. TEIA DOS POVOS – MA
- 72. TIJUPÁ
- 73. UAEFAMA
- 74. UNEGRO ESTADUAL DE MG